

Paulo de Tarso

Grego e Romano, Judeu e Cristão

José Augusto Ramos, Maria Cristina de Sousa Pimentel,
Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues (coords.)

O APÓSTOLO NA OBRA DE VIEIRA

ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO

Universidade de Lisboa

Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa

Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa

Desde há vários anos que a obra de Vieira, principalmente a chamada obra profética, tem sido analisada sob as mais diversas perspectivas, onde predominam as tendências voltadas para o esoterismo, o milenarismo, a cabala judaica, a literatura rabínica da idade antiga e, sobretudo, a da moderna, e se privilegiam as fontes apocalípticas e visionárias, com predominância das profecias de Daniel e de Ezequiel, e ainda o Livro do Apocalipse. Não têm sido esquecidos, nem Joaquim de Fiore, nem Ubertino de Casalis, nem alguns dos construtores de miragens e utopias. Raramente se tem chamado a atenção para o peso, na obra de Vieira, da grande visão barroca do teatro do mundo, versátil como as próprias circunstâncias de um mundo em permanente mudança, e muito menos para o facto de Vieira ser Jesuíta e missionário, com uma formação teológica e bíblica entranhada até à medula.

Vem isto a propósito do tema que vou tratar. A minha intenção era falar da presença de São Paulo na obra de Vieira em geral. Mas ao fim de algumas horas de escrita dei-me conta de que a matéria é tão extensa que se revelou impossível ir além de alguns aspectos do pensamento paulino numa parte reduzida da obra de Vieira, isto é, na *Clavis*, e mesmo assim seleccionando apenas a estrutura do edifício, deixando de lado os ornamentos. É isso o que farei. No fim, talvez fique evidente que a arquitectura teológica da chamada obra profética do Pregador é toda ela edificada sobre a vida e as Epístolas do Apóstolo, entendendo por isso os Actos dos Apóstolos, as Epístolas autênticas e a Epístola aos Hebreus que Vieira considerava de São Paulo. A título de curiosidade faço notar que as ocorrências de Paulo e de «o Apóstolo» são cerca de 330, só na *Clavis*, sem contar as inúmeras alusões anónimas. Em um pouco mais de ¼ do total dessas ocorrências, São Paulo é designado pela antonomásia, «o Apóstolo», isto é, o Apóstolo por excelência que Vieira toma como guia no pensamento e exemplo na acção.

Paulo e a doutrina da ignorância invencível

As Epístolas paulinas são o grande alicerce bíblico em que Vieira assenta todo o edifício das suas ideias sobre o Reino de Cristo consumado na terra,

sobre a legitimidade de perscrutar o futuro¹, sobre a pregação universal² e sobre a conversão de todos os povos a Cristo. As palavras do Apóstolo acerca da conversão dos Judeus depois da dos gentios servem de argumento a Vieira para provar que as dez tribos desaparecidas desde o tempo do exílio na Babilônia hão-de regressar³ e converter-se. Portanto, conclui Vieira, «o Evangelho, até aos nossos tempos, não foi pregado em todo o mundo, nem mesmo no tempo de S. Paulo»⁴. O que levou Vieira a interpretar como hipérboles os passos em que o Apóstolo o afirma. O Paulo Israelita, símbolo do judeu convertido, merece a Vieira manifestações de apreço e de emoção, pelo amor que o liga ao seu povo, como esta que passo a citar: «Paulo, levado por um incomensurável e ardentíssimo amor do seu povo, prefere sofrer não só toda a espécie de tormentos e a morte mais horrorosa possível, mas ainda ser privado, em favor dos Israelitas seus consanguíneos, do próprio Cristo, da glória celestial, da visão de Deus (salva apenas a sua graça), não por uma espécie de ausência e exílio temporais, mas durante toda a eternidade. Nada de mais extremo se pode dizer ou pensar, nada de mais evidente para provar a nossa hipótese, do que este acto, ou, para ser mais exacto, do que este portento de ferventíssimo amor e do que este excesso de expressão que supera todas as hipérboles e amplificações.»⁵ Vieira identifica em Paulo o paladino das mesmas causas que o motivaram a si próprio, a saber, a defesa dos novos gentios do seu tempo (os Índios) e a dos Judeus. Na interpretação de Vieira, as palavras do Apóstolo *não há distinção entre gentios e Judeus*, lidas em partitura moderna, significam «não há distinção entre cristãos-velhos e cristãos-novos», pois *o mesmo é o Senhor de todos*⁶.

Há, todavia, um aspecto que, pelo seu alcance teológico, merece uma atenção especial. Refiro-me à doutrina desenvolvida por Vieira em torno da chamada ignorância invencível, que em termos genéricos se define assim: todos aqueles que, sem culpa sua, ignoram a Deus são escusáveis de todas as ofensas que contra ele cometem. Mas, em termos também genéricos, ninguém

¹ Cf. *1Ts* 5,1, citada em Padre António Vieira, *Clavis Prophetarum – Chave dos Profetas*, Livro III (Lisboa, 2000), pp. 19, 29, 31-33, 77, 79, 81. Conclusão de Vieira: «Demasiado à letra e aquém da intenção do Apóstolo ampliaria esta doutrina de Paulo, própria e peculiar, acerca daquele dia singular, quem a entendesse como referida a toda a espécie de preocupação sobre os tempos futuros, como se se tratasse de uma questão ociosa e inútil e que não nos diz respeito. Além disso, pareceria pensar menos rectamente acerca do Apóstolo que nós sabemos ter frequentemente revelado e vigorosamente inculcado nos seus ouvintes não poucos arcanos das coisas futuras com a sua palavra e as suas epístolas, como sendo proveitosas à salvação deles.» (*Clavis* III, 81).

² *Rm* 1,8 e *Cl* 1,5 (*Clavis* III, 97); *Rm* 15,19-29 (*Clavis* III, 99); *Rm* 11,12.26 (*Clavis* III, 137); *Cl* 1,5 e *Rm* 1,8 (*Clavis* III, 139); *Rm* 10,18 (*Clavis* III, 175-181).

³ Sobre a localização dessas tribos algures, nas regiões menos plausíveis, falava a literatura rabínica dos séculos anteriores e a contemporânea de Vieira.

⁴ *Clavis* III, 139.

⁵ *Clavis* III, 201-203.

⁶ *Rm* 10,12.

é escusável, porque, segundo o Apóstolo, que Vieira cita, «Os atributos invisíveis de Deus, incluindo o seu poder sempiterno e a sua divindade são entendidos e contemplados a partir da criação do mundo por meio das coisas que foram criadas»⁷. Num primeiro momento, Vieira, com o Apóstolo, declara que «os Romanos [...] e os seus filósofos, bem como os Gregos que eles seguiram e imitaram, eram réus de condenação eterna e absolutamente inescusáveis.»⁸ Num segundo momento, porém, lança o seguinte repto à ilação que os teólogos tiram das palavras de Paulo: se o simples conhecimento da verdade pode levar à prática de actos meritórios, então não será heresia dizer que todos os homens podem atingir a salvação pelas suas forças e méritos sem necessitarem do auxílio de Deus. O que em termos práticos é o mesmo que dizer que a humanidade, filósofos cultos ou índios incultos, não necessitava nem de evangelização nem de conversão, pois lhe bastará a prática de boas obras. E Vieira ilustra o seu pensamento com uma alegoria que vai buscar a Salmerón, um dos companheiros de Santo Inácio e teólogo reputado do Concílio de Trento.

Imagine-se um homem cego e paralítico, deixado à beira da estrada, próximo da cidade para onde se dirigia. Se viesse uma ordem que o mandasse entrar na cidade, o cego seria inescusável, se «a vista e as forças lho permitissem»⁹. Mas se apenas a vista sem as forças ou as forças sem vista lho permitissem, neste caso seria escusável. Depois da alegoria, vem a pergunta nos próprios termos em que a formulou Salmerón: «Assim sendo, como é que o Apóstolo declara inescusável o gentio, por ele não ter posto em prática a verdade conhecida, quando ainda lhe faltava o auxílio da divina graça?»¹⁰

É neste sentido, partindo do Apóstolo, que se encaminha o pensamento de Vieira. Mas para inflectir nessa direcção, volta à *Epístola aos Romanos*, da qual cita o seguinte passo: «a ira de Deus manifesta-se do Céu contra toda a impiedade e injustiça daqueles homens que retêm a verdade de Deus na injustiça»¹¹. Reter a verdade cativa da injustiça é, para Vieira, terem alguns homens chegado, antes de Cristo, ao conhecimento da unidade de Deus e, apesar disso, não o terem adorado e, em vez disso, terem prestado às criaturas e aos ídolos o culto devido só ao Criador. Aqui residiu, palavras de Vieira, «a iniquidade e a maldade daqueles homens, isto é, dos filósofos, que conheceram a Deus pelo raciocínio natural, e que opuseram à graça subsequente tão grande entrave, que se tornaram [...] merecedores de que a ira de Deus se manifestasse do Céu contra eles.»¹² Mas não é isto

⁷ Rm 1,20. Cf. *Clavis III*, 249-251.

⁸ *Clavis III*, 253-255.

⁹ *Clavis III*, 257-259.

¹⁰ *Clavis III*, 259.

¹¹ Rm 1,18.

¹² *Clavis III*, 267-269.

mesmo o que diz o Apóstolo? Sem dúvida. Quer dizer, Vieira conhece tão profundamente o pensamento de São Paulo, que vai muito além de uma leitura restritiva das suas Epístolas, sem se deixar paralisar por pequenas contradições internas ou dificuldades de interpretação. E nesse sentido defendeu toda a sua vida a escusabilidade dos índios, opondo os raciocínios dos grandes teólogos ao simples bom senso do pensamento de um escravo negro, ainda criança, do colégio da Baía. Vieira felicitou-o por ter sido arrancado à cegueira do paganismo. Uma vez que foi batizado, irá para o Céu, ao contrário do que aconteceu aos seus avós e antepassados. Ao ouvir estas palavras, «Ele - escreve Vieira - deteve-se um pouco, erguendo as sobrancelhas, e respondeu intrepidamente e seguro de si: “Os meus avós e os meus antepassados não estão no Inferno”. E, antes que eu lhe perguntasse porquê, acrescentou: “Porque, se eles não conheceram a Deus, como podia Deus mandá-los para o Inferno? Ou como podiam eles ofender tanto a Deus ignorado que merecessem ser assim atormentados?”»¹³.

Vieira explicita ainda mais o pensamento de São Paulo e o seu com a imagem de escada de Jacob pela qual subiam «anjos», não «homens», como faz questão de salientar. Em exegese alegórica este pormenor, diz Vieira, é «prova evidente de que este género de ascensão ao conhecimento de Deus, por meio das criaturas, foi apenas concedido e reservado àqueles que da natureza obtiveram uma inteligência mais sublime que a humana e quase igual à angélica, como foi o caso de um Platão, um Aristóteles, um Mercúrio Trismegisto.¹⁴»

Com este raciocínio, Vieira não pretende enveredar por uma doutrina da salvação de pendor intelectualista. O ponto a que quer chegar é exactamente o contrário, pois declara como primeira conclusão que, por sua natureza simples, grosseira e rude, são escusáveis os índios do Brasil, os pobres, os desgraçados, os escravos. Mas mesmo entre os que se guindam com esforço pela escada acima, há muitos que se ficam pelos degraus intermédios, aqueles que «tendo diante o sol, a lua e as estrelas, se ficaram por esse degrau da escada, não subiram mais além, pensando que já tinham chegado a Deus»¹⁵. Basta olhar para as civilizações antigas. Fica no ar a pergunta: serão estes inescusáveis? Mas também está sempre latente a resposta do Apóstolo: *qui omnes homines vult salvos fieri et ad agnitionem veritatis venire* - «Ele quer que todos os homens se salvem e venham para o conhecimento da verdade»¹⁶.

Prosseguindo no comentário à Epístola aos Romanos, Vieira observa que «Além avançou o mais engenhoso de todos os poetas, o qual, depois de descrever artisticamente a criação do mundo, à qual Paulo se refere, vindo

¹³ *Clavis* III, 331.

¹⁴ *Clavis* III, 271.

¹⁵ *Ibid.*

¹⁶ *1Tm* 2,4.

finalmente a designar o autor de tão grande obra, nega-lhe a unidade de verdadeiro Deus e, como que precipitando-se do mais alto degrau da escada, disse: ‘Qualquer dos deuses que ele tenha sido’¹⁷. Aqui «o mais engenhoso de todos os poetas» é Ovídio, que Vieira muito admira.

A segunda conclusão é, pois, que, nas palavras de Vieira, «nenhum dos antigos filósofos, ou pelo menos só com raríssimas excepções, foi mais além a partir do conhecimento do verdadeiro Deus adquirido pela contemplação das criaturas»¹⁸. Logo, também eles são «merecidamente» escusáveis, a ponto de escaparem «à pena da condenação eterna»¹⁹. E assim nos aproxima da universal vontade salvífica de Deus, segundo o princípio da primeira *Epístola a Timóteo*.

Argumentos, além dos de São Paulo, encontram-se nos historiadores pagãos e, particularmente em Diógenes Laércio, autor da *Vida dos Filósofos Ilustres*, o qual «passa a pente fino todas as suas nefandas e monstruosas paixões, com horror da própria natureza»²⁰, como diz Vieira, recorrendo ainda ao testemunho dos Padres da Igreja que «abominam neles a mesma corrupção de costumes»²¹. Se tivessem chegado ao verdadeiro conhecimento de Deus, as suas acções não seriam tão más, porque «o verdadeiro conhecimento de Deus, quanto de si depende, induz os homens ao bem, mas fica amarrado, como que detido em cativo, pela prática da injustiça», como escreveu Alápide no comentário à *Epístola aos Romanos*, citado por Vieira²². Ora é precisamente o desconhecimento profundo e verdadeiro de Deus que os torna escusáveis. E, com isso, fecha-se o círculo e voltamos ao passo da *Epístola aos Romanos*, donde partimos: «Manifesta-se do Céu a ira de Deus contra a impiedade e a iniquidade daqueles homens que retêm na injustiça a verdade de Deus».

Além disso, para alcançar a salvação é necessária, absolutamente, a Fé na encarnação do Verbo e na Santíssima Trindade. E aqui entre de novo o Apóstolo com a máxima: «Como hão-de crer naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão sem haver quem lhes pregue?»²³ Isto diz a *Epístola aos Romanos*, que Vieira cita²⁴. Sem a Fé, insinua Vieira, interpretando São Paulo, realmente todos são inescusáveis. Mas com a seguinte ressalva: «Quem não crer será condenado»²⁵, mas só depois de ter recebido a palavra do pregador.

É assim que o Apóstolo atravessa os aspectos mais sensíveis e mais originais do pensamento de Vieira nas questões que envolvem a acção missionária da

¹⁷ *Clavis* III, 273. Cf. Ovídio, *Met.* 1, 12.

¹⁸ *Ibid.*

¹⁹ *Ibid.*

²⁰ *Clavis* III, 275.

²¹ *Ibid.*

²² *Clavis* III, 167.

²³ *Rm* 10,14.

²⁴ Cf. *Clavis* III, 277.

²⁵ *Mc* 16,16.

Igreja, a evangelização dos gentios, a conversão dos Judeus e a *vexata quaestio* da ignorância invencível.

Deus providenciou não providenciando

«Salvação e Providência» poderia ser o título de uma questão complementar da secção da Ignorância Invencível. Vieira preferiu formulá-la em termos de uma interrogação: «Porventura Deus proporciona a todos, em medida suficiente, os meios necessários à salvação?»²⁶ A sua resposta, formulada paradoxalmente, é que Deus «providenciou não providenciando»²⁷. Para conduzir a sua argumentação, Vieira socorre-se, mais uma vez, de São Paulo.

Em primeiro lugar é analisada a hipótese do ponto de vista das crianças. Segundo as palavras de Vieira, «Nas selvas mais profundas ou nos sertões desta América nascem com frequência crianças sadias e robustas, que, pouco depois, são levadas desta vida por uma doença súbita, sem serem baptizadas.»²⁸ Esta, a situação real. Mas a quem se imputará a culpa disso «quando nem os pais, nem os habitantes da mesma aldeia, nem ninguém em toda a tribo, alheia a todo o contacto humano, nunca ouvira, nem mesmo em sonhos, a palavra ‘baptismo’?»²⁹

A conclusão que Vieira não formula, mas que está implícita no tom das suas palavras, é que não foram concedidas a essas crianças os meios para se baptizarem e, mais ainda, sem culpa nem negligência de ninguém. Ora, como São Paulo afirma na primeira epístola a Timóteo³⁰ que «Deus quer que todos os homens se salvem e que é um só o mediador entre Deus e os homens», daí se segue que Deus não proporcionou a todos os homens os meios de salvação (como ficou provado com as crianças dos índios), pois «Deus não é menos Deus das crianças do que dos adultos»³¹. Por mais que São Tomás, alegado em tom respeitosa e crítico, diga que se eles, os adultos infiéis, a quem não chegou a pregação, «[...] tivessem feito o que de si depende, o Senhor, segundo a sua misericórdia, teria providenciado enviando-lhes um pregador da fé, tal como enviou [...] Paulo aos Macedónios»³², Vieira rejeita a paridade de situação entre os Macedónios e os índios. De facto, como ele mesmo salienta, «a questão apresentada por S. Tomás fala dos bárbaros criados nas selvas, como são hoje os de África, Ásia e América, povos rudes e completamente selvagens. Mas os dois exemplos aduzidos por S. Tomás são ambos de europeus, e, mais

²⁶ *Clavis* III, 431.

²⁷ *Clavis* III, 463, cf. 467, 473.

²⁸ *Clavis* III, 437.

²⁹ *Ibid.*

³⁰ 2,4-6.

³¹ *Clavis* III, 437-439.

³² *Clavis* III, 441. Cf. *Act* 10,16.

que isso, são especificamente daqueles que na Europa sempre foram tidos por mais sábios entre os restantes»³³.

Posta esta reserva à opinião de S. Tomás, que no fundo se refugia na exclamação do Apóstolo: «Ó profundidade das riquezas da sabedoria de Deus! Como são imperscrutáveis os seus caminhos!», Vieira passa a expor «uma opinião mais benigna sobre a bondade de Deus para com os selvagens»³⁴, cujo fundamento sintetiza da seguinte forma: «Sendo, portanto, sacrilégio crer que lhes tinha faltado a Divina Providência, e, por outro lado, não sendo eu capaz de encontrar uma razão ou modalidade de tal providência, vim parar à ideia de que podia crer que Deus lhes providenciou, mas providenciou não providenciando.»³⁵

Permitam-me que anote desde já que os raciocínios de que Vieira parte são os mesmos da filosofia escolástica em relação à omnisciência de Deus, que engloba o conhecimento de todos os futuros, mesmo os chamados futuros condicionados. Mas voltemos a São Paulo.

Para argumentar em defesa da doutrina da Providência que providencia não providenciando, Vieira recorda dois episódios dos Actos dos Apóstolos³⁶: aquele em que Paulo e Timóteo «foram proibidos pelo Espírito Santo de anunciar a palavra de Deus na Ásia»; e aquele em que «Tendo chegado à Mísia, intentavam passar à Bitínia, mas não lho permitiu o Espírito de Jesus». São estes dois episódios da actividade apostólica e missionária de Paulo que determinam o pensamento de Vieira. Se um missionário é objecto de intervenção tão direccionada nos seus movimentos, com impedimento de pregar a uns e imposição de ir anunciar a fé a outros, é porque há uma razão profunda da parte da Providência. Além disso, Vieira recorda que o próprio Apóstolo, na Epístola aos Romanos, diz que foram muitas as vezes que se propusera ir pregar a fé em Roma, mas que *foi impedido*³⁷. Conclusão de Vieira, tirada da meditação destes passos e do comentário de São Basílio: «Deus toma a seu cargo tanto as palavras como as viagens dos seus pregadores e fá-las depender dos sinais da sua vontade.»³⁸ E como prevê, em toda a sua omnisciência, que a pregação da fé ou pode ser recusada, ou mal recebida, ou renegada, desvia os pregadores do seu percurso, impedindo que a mesma fé seja pregada, não para negar a graça mas para a diferir. Por outras palavras, Deus «Desistiu ou absteve-se de lhes conceder a perspicácia do intelecto e a pregação do Evangelho, e, negando estes dois benefícios, com um novo género

³³ *Clavis III*, 447-449.

³⁴ *Clavis III*, 453.

³⁵ *Clavis III*, 463.

³⁶ 16,6-7.

³⁷ *Rm* 1,13.

³⁸ *Clavis III*, 469.

de misericórdia, desta sorte providencia não providenciando.³⁹» Proposição esta de Vieira, que se insere no espírito da exclamação paulina repetidamente citada: «Ó profundidade das riquezas da sabedoria e da providência de Deus!» Exclamação que se aplica também ao caso em que Cristo ordenou a Paulo que saísse de Jerusalém, porque os Judeus não receberiam o seu testemunho. Por tal motivo, é melhor para os Judeus que Paulo não pregue do que, pregando, se recusem eles a receber a pregação, uma vez que «Se taparem os ouvidos, não ouvirem nem crerem, já lhes foi ditada a sentença»⁴⁰. Foi por essa mesma razão, conclui Vieira, que «os habitantes do continente americano estiveram privados da pregação do Evangelho»⁴¹.

«Ele mesmo vos ensinará»

Outro tópico vieirino em que São Paulo teve parte importante é o da «unção do Espírito Santo que por si mesmo» ensina a alma⁴². A formulação deste terceiro meio com que Deus incrementa a pregação do Evangelho (o primeiro é a pregação, o segundo os milagres) não podia deixar de levantar algumas suspeições sobre a ortodoxia de Vieira, dado o contexto da expansão das teses doutrinárias das Igrejas reformadas no séc. XVII, um pouco por toda a parte, mesmo nos países católicos. Dizer, por exemplo, que Deus «ensina os homens por si mesmo, e que um dia deverão ser ensinados exclusivamente por Deus, e que assim será supérflua, inútil e desnecessária a doutrina humana que soa do exterior»⁴³, era ir além de uma proposição que a sentença do Tribunal do Santo Ofício de Coimbra censurara em 1667, quando Vieira foi chamado a depor, por ter afirmado «que todas as nações do mundo hão-de crer em Cristo [...]; e há-de ser tão copiosa a graça de Deus que todos ou quase todos que então viverem, se hão-de salvar, para se perfazer o número dos predestinados»⁴⁴. Mas o Padre Vieira tinha diante de si as palavras do Profeta Jeremias: «E ninguém ensinará o seu próximo nem o seu irmão, dizendo: conhece o Senhor; pois todos hão-de conhecer-me, do mais novo ao mais velho, diz o Senhor», palavras que ele próprio cita por três vezes e foram avalizadas por São Paulo, quando escreveu: «Vós mesmos aprendestes de Deus», que ele, Vieira, refere por duas vezes, passo que em sua opinião significa o mesmo que dizer que há «pessoas ensinadas só por Deus»⁴⁵.

³⁹ *Clavis* III, 467.

⁴⁰ *Clavis* III, 485.

⁴¹ *Clavis* III, 483.

⁴² *Clavis* III, 513.

⁴³ *Clavis* III, 534-535.

⁴⁴ António Vieira, *Obras Escolhidas* VI, pref. e notas de António Sérgio e Hernâni Cidade, Lisboa, Sá da Costa, 1952, 185-186.

⁴⁵ *Clavis* III, 537.

É este o caminho que leva o Padre Vieira a refutar a doutrina da predestinação institucionalmente aceite, opondo a opinião do Apóstolo Paulo à do filósofo Francisco Suárez. Os teólogos parecem esquecer a Escritura quando formulam as suas doutrinas. «Julga Suárez – afirma Vieira – que Deus predestinou e ordenou as coisas dos seres humanos de tal maneira que entre eles haja sempre bons e maus, fiéis e infiéis, e que esta mistura há-de durar sempre até ao fim do mundo. Retire aquele «sempre» e conciliará as Escrituras com a sua opinião. Com efeito, assim como é certo que a dita mistura durou muitos séculos, como distintamente vemos, assim também não se pode duvidar de que muitas pessoas predestinadas do mesmo povo sejam reservadas para outro tempo futuro em que todos se salvem»⁴⁶. E o argumento de que o Pregador se serve é, muito a propósito, tirado da Epístola aos Romanos: «Porque uma parte de Israel caiu na cegueira até que entrasse a plenitude dos gentios, e assim todo o Israel se salvasse»⁴⁷.

Em toda a obra de Vieira perpassa a certeza de que, a partir da Encarnação do Verbo, toda a humanidade em todo o universo se dirige para Cristo. Dos dois povos de que é constituído o mundo, o judeu e o gentio, Cristo fará um só povo, como um só redil sob um só pastor. E Vieira recorda que o Apóstolo, na Epístola aos Efésios⁴⁸, escreveu que Cristo eliminou e destruiu o muro que separava os Judeus e os gentios. Trata-se de um muro imaginário, mental, como a linha do equinócio (comparação vieirina) que cabe aos Apóstolos e seus sucessores derrubar. De Paulo – sempre Paulo na mira de Vieira – disse Cristo: «Este é um instrumento escolhido por mim para levar o meu nome aos gentios, aos reis e filhos de Israel»⁴⁹. Mas serão duas conversões que se processam em paralelo, mais rapidamente a dos gentios do que a dos Judeus, até que, já crentes, uns e outros ingressem no mesmo redil «e assim todo o Israel será salvo, como ensina o Apóstolo»⁵⁰, que Vieira cita e segue para construir a sua grande visão da marcha do mundo para o Império de Cristo, o quinto sobre a terra.

Os comentadores de Vieira, quando falam da sua visão profética que envolve a Igreja e o mundo, geralmente esquecem ou ignoram esta dimensão teológica profundamente paulina, arreigada na alma de um sucessor dos Companheiros de Inácio de Loiola, conhecidos popularmente por «os Apóstolos». A figura de Paulo, os seus actos, a sua personalidade, a sua vivência, a sua adesão a Cristo, a sua grandiosa visão de Cristo Senhor do Universo e fim supremo da História, não podem deixar de se ter em consideração quando se lê e comenta a obra e o pensamento do Padre António Vieira.

⁴⁶ *Clavis* III, 627.

⁴⁷ 11,25.

⁴⁸ 2,14.

⁴⁹ *Act* 9,15. Cf. *Clavis* III, 693.

⁵⁰ *Clavis* III, 699.

